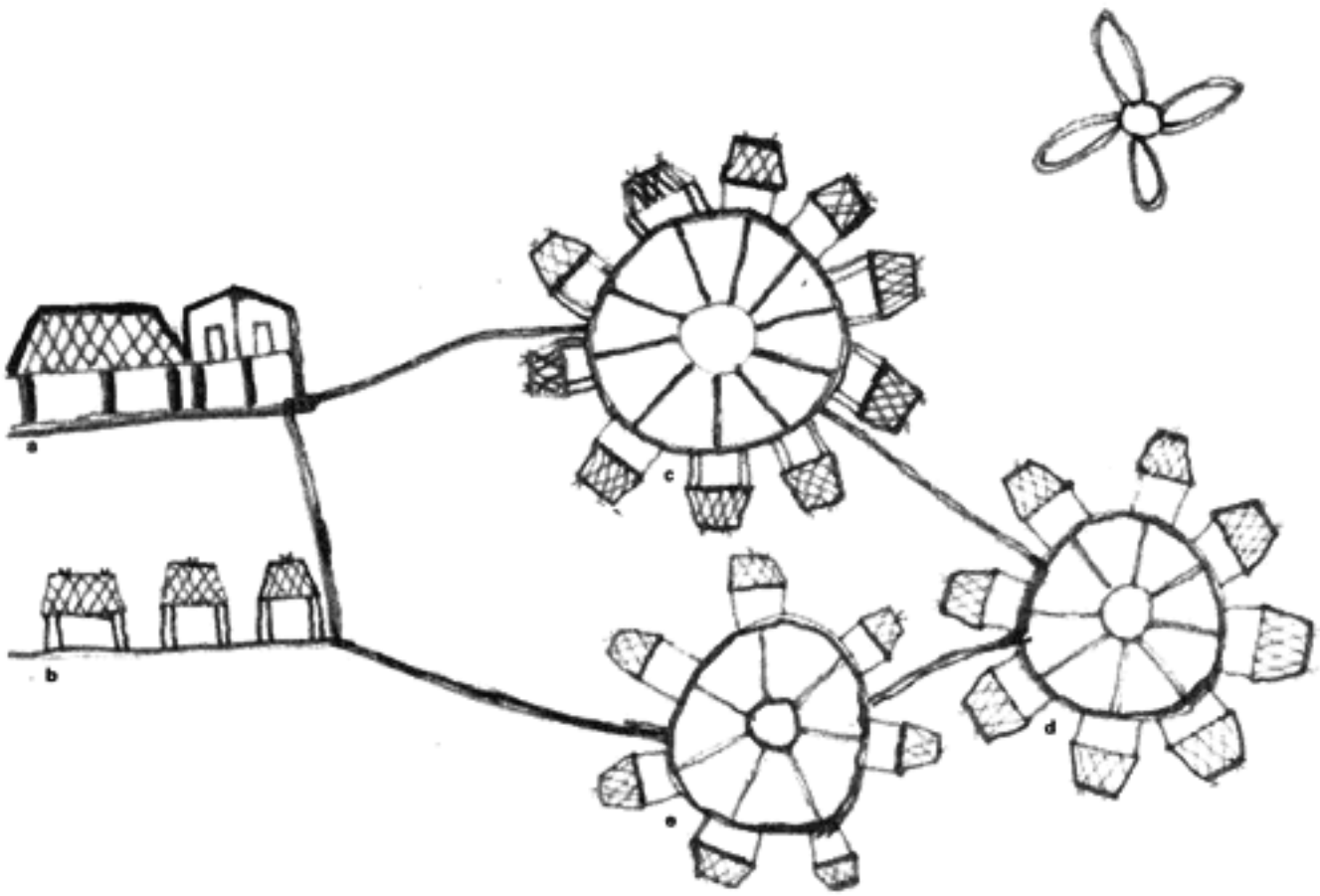
2. Desenho de Kopkwyi — mulher Canela (27 anos) — Ramkokamekra, 1974, MA.




a — Cidade de Barra do Corda.
b — Aldeia Guajajara.
c — Aldeia do Ponto, Ramkokamekra.
d — Aldeia de Porquinhos, Apãniekra.
e — Aldeia da Taboquinha, Krĩcati.

Os Timbira, quando falam de sua própria sociedade, destacam a *aldeia* (e não as casas) como a unidade fundamental para suas referências[1], definindo-se como "índios de verdade" principalmente pelo formato circular de suas aldeias. Os Apãniekra não consideram os índios Guajajara (tupi), seus vizinhos no município de Barra do Corda (MA), como "índios de verdade", porque estes não moram em aldeias circulares[2]. Nimuendaju, em 1930, já apontava que, "enquanto os Timbira possuirem a sua consciência ethnica não se deixarão persuadir a abandonar esta forma de habitar em conjunto, intimamente ligada a sua organização social" (parágrafo 112).

Procurar apreender o princípio organizador das aldeias Timbira levou-nos a ver o espaço da aldeia como um espaço determinado pelo modo como se movimentam as pessoas, e que revela o modo como estas pessoas se relacionam. A aldeia e a maneira como os indivíduos se deslocam em seu espaço pode ser pensada como um diagrama, onde se imprimem e se descobrem as relações sociais (cf. Matta, 1976:67). Como diz M. C. da Cunha "o uso de categorias espaciais não é um recurso metafórico, mas o meio mais fiel de expressar o pensamento Krahô que transforma e atualiza as oposições que apreende ou postula em distinções espaciais" (1975:15). Podemos estender esta afirmativa a todos os Timbira, onde cada diferença espacial é e permanece uma diferença qualitativa. Neste sentido é que a análise das posições, dos deslocamentos, do espaço no sentido amplo de uma sociedade, possibilita-nos apreender as linhas demarcatórias que orientam as relações sociais e, através delas, chegar aos pontos de articulação desta sociedade[3].

(1) Matta (1976:61) faz a mesma afirmação quando se refere aos Apinayé, que são também um grupo Timbira.

(2) "Uma sociedade pode revelar muito de si própria através das características que ela mesma escolhe como um termo de comparação com outra sociedade" (Seeger, 1980:45).

(3) Ao analisar a circularidade das aldeias Timbira e a maneira como os indivíduos se deslocam neste espaço, creio ter feito estas sociedades parecerem mais sistemáticas e rígidas do que realmente são.

Os Timbira atuais[4] estão localizados nos campos de cerrado do Maranhão e de Goiás Suas aldeias são construídas em lugares planos, em solo não pedregoso e perto de córregos d'água. Nas proximidades deve haver mata ciliar para os roçados; quando, em conseqüência das derrubadas anuais, esta mata se acaba, a aldeia é reconstruída em outro lugar. Mas atualmente a construção de casas em alvenaria (escola, enfermaria, etc.) do Posto Indígena da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) obriga, de certa maneira, a fixação da aldeia num mesmo lugar.

Numerosos caminhos estreitos cortam a mata ciliar em todos os sentidos, indo ter aos lugares de banho, caça e pescaria. Os caminhos das roças são sempre relativamente largos e limpos, para que as mulheres possam passar livremente com seus cestos de carga.

A forma das casas (*ikré*)[5] diverge um pouco de um grupo Timbira a outro, mas todas atualmente são construídas para que durem por alguns anos e de maneira muito parecida com as casas dos moradores mais pobres da região, de quem decerto adotaram este tipo de moradia. A planta é retangular, com um dos lados maiores formando a frente da casa, que tem por vezes uma cobertura de 4 águas, feita de folhas de babaçu ou inajá. Do mesmo material são feitas as paredes. Toda a ligação é feita por amarração com cipó. Todas as folhas de palmeira são aplicadas em posição horizontal, com os folíolos pendentes para um lado só. Algumas vezes, as folhas são aplicadas em sentido vertical, de ponta para baixo e com os folíolos em posição natural — parece ser esta a maneira original dos Timbira fazerem paredes.

A casa completa, principalmente entre os Ramkokamekra, é fechada por paredes em todos os quatro lados; às vezes, porém, falta a parede da frente, total ou parcialmente, ou somente uma parte da casa forma uma espécie de quarto fechado. A porta sempre é feita no lado maior, voltada para o pátio da aldeia. A esta porta da frente corresponde outra, na parede dos fundos, dando para o "quintal". Nas casas Timbira não há janelas. Entre os Krahô são mais comuns as casas com cobertura de duas águas e porta ao lado do esteio da cumieira e se utilizam mais das folhas de piaçava para a cobertura de suas casas.

(4) Por Timbira, entende-se aqui os Timbira orientais, atualmente representados pelos Krahô, Apãniekra-Canela, Ramkokamekra-Canela, Krĩkati e Pykopjê. Algumas das afirmações feitas são verdadeiras também para os Apinayé, grupo Timbira oriental, cuja descrição, feita por Matta (1976), foi-me altamente sugestiva.

(5) Para descrição mais detalhada sobre a casa Timbira, vide Nimuendajú (1930 — pp. 112, 113 e 114) de onde selecionei várias referências.

3. Casa Ramkokamekra, 1974 (foto Gilberto Azanha).

4. Teto de casa Ramkokamekra, 1974 (foto Gilberto Azanha).

5. Casa Apãnjêkra e as mulheres, 1975 (foto Gilberto Azanha).

Atualmente os Timbira começam a construir suas casas de taipa, ou mesmo de adobe — pelo menos alguma de suas paredes, ou fazendo uma divisão interna. "Ocorre algumas vezes que a casa Krahô tenha paredes internas; mas não há nada de comum entre a divisão interna de uma casa e as demais. As casas dos sertanejos civilizados têm geralmente uma varanda, onde se recebem visitas, um quarto e uma cozinha. A casa indígena geralmente é sem divisões; algumas vezes separam um reçinto destinado a ser cozinha de outro destinado a ser quarto; mas logo algum casal da casa se instala na cozinha, enquanto outro começa a cozinhar no quarto e a primitiva divisão se transforma" (Melatti, 1975:24). As poucas famílias que conheci, que tinham suas casas inteiramente feitas de taipa ou adobe, passavam a maior parte do tempo fora dela, num "puxado" coberto de palha, construído logo atrás da casa, e que servia de cozinha. À casa, só se recolhiam para dormir.

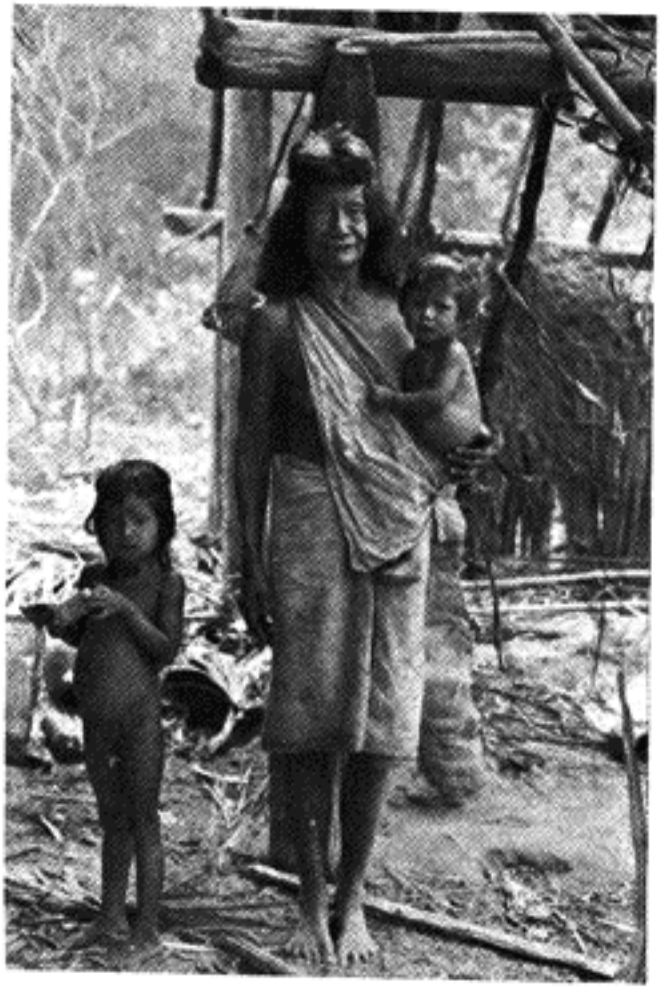
Enquanto as casas Apãniekra e Ramkokamekra são geralmente bem construídas, a casa Krahô, como aponta Melatti, "dá sempre a impressão de estar por terminar; nunca acaba de ser construída: planeja-se uma casa de paredes de barro, as quais não se completam e recebem um enchimento provisório de palha, que se torna definitivo; as duas águas do teto da casa devem ser complementadas idealmente por dois triângulos laterais inclinados, que contribuem para aumentar a área coberta da casa; algumas vezes se vêem as estacas fincadas no chão à espera do prolon-

6. "Puxado" e quintal de uma casa Apãnjêkra, 1977 (foto Gilberto Azanha).

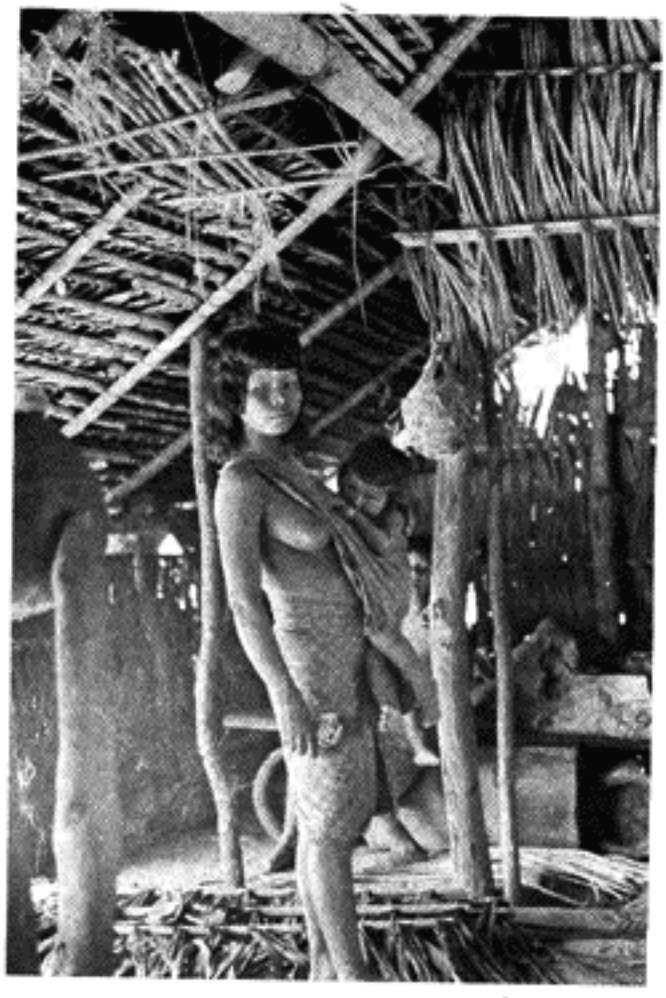
gamento do telhado, que não chega a ser construído em uma das extremidades" (1975:24).

No interior da casa vamos encontrar alguns jiraus com algumas esteiras de embira de buriti que servem para forrá-los, nivelando as desigualdades, ou mesmo utilizadas como cobertas nas noites mais frias. Idealmente "as jovens têm seu jirau armado nos travessões do teto, os casais novos dormem em jiraus de pouco mais de um metro de altura, enquanto os casais de meia idade os têm a pouca altura" (Melatti, idem:24). O jirau não serve somente para dormir, é também banco e mesa. Em algumas casas encontramos uma "adaptação" do jirau como prateleira, mas, normalmente, os objetos de uso encontram-se presos na palha das paredes ou do teto, ou guardados nos inúmeros cestos que ficam pendurados nos caibros do telhado. Compõem ainda o interior das casas duas ou três cabaças grandes, ou mesmo um pote de barro com água, algum banco e algumas toras de buriti (já utilizadas nas corridas) para sentar, que são usadas também para fechar parcialmente a porta da casa, impedindo a entrada dos porcos que por vezes criam. Há também o fogo da cozinha com sua trempe de pedras e as panelas de ferro.

7. Mulher Krahô e sua casa semiconstruída, 1975 (foto Gilberto Azanha).



8. Mulher Apãnjêkra no interior de sua casa, 1977 (foto Gilberto Azanha).



Assim, quando dos "acampamentos" nas roças, das expedições de coleta, pesca, ou das visitas aos moradores vizinhos em busca de alguma farinha, arroz ou sal, os poucos utensílios da casa são transportados facilmente pelas mulheres, em seus cestos. Os Timbira, há cerca de 150/200 anos atrás, eram grupos predominantemente caçadores e coletores, semi-nômades, que durante determinado período do ano perambulavam pelos cerrados maranhenses. Após o contato com o branco, esta situação vem se alterando: a limitação do território e a escassez da caça fazem com que a agricultura tenha cada vez mais importância. Mas continuam sendo uma sociedade de caçadores e coletores. Os artefatos materiais que fabricam — basicamente em palha — abundante no cerrado — revelam o aproveitamento máximo na exploração deste meio ecológico.

9. Homens Apãnjêkra saindo para caçar no cerrado, 1977 (foto Gilberto Azanha).

10. Desenho de Antonio Hyĩno — menino Canela — Ramkokamekra, 1974, MA.

a — càà (pátio)
b — càà ma pry (caminho radial)
c — krĩcape (caminho circular)

11. Mulher Apãnjêkra correndo pelo *krĩcape*, 1975 (foto Gilberto Azanha).

As aldeias Timbira são circulares[6] e o círculo é formado porque todas as casas distam igualmente do *pátio* (*càà*) que se torna, assim, *centro* da aldeia. Cada casa tem seu próprio caminho que a liga ao pátio, e estes *caminhos radiais* (*càà ma·pry*) são iguais para todas, o que significa que "todas têm o mesmo peso social" (Matta, 1976:75) e que estão relacionadas de um mesmo modo ao pátio, centro das decisões políticas e de toda a vida ritual.

Esta disposição espacial das casas forma assim o círculo maior da aldeia, comumente chamado pelos antropólogos de *periferia*. Diante das casas passa um caminho circular, o *krĩcapé* (onde *krĩ* = aldeia). É na periferia que têm lugar as atividades domésticas ligadas à produção, e as casas aparecem como unidades fisicamente definidas e demarcadas.

Cada casa abriga os dois únicos grupos sociais da vida cotidiana Timbira: a família elementar (pai, mãe e filhos) e o grupo doméstico, o que quer dizer que uma casa

(6) A forma circular das aldeias Timbira tem merecido a atenção dos antropólogos, vide Matta (1976), Melatti (1974) e Carneiro da Cunha (1978).

compõe-se de pelo menos duas famílias elementares. Os homens, ao se casarem, devem residir na casa da mãe de sua esposa (residência uxorilocal); assim, as famílias elementares de uma mesma casa, que constituem o grupo doméstico, são ligadas pelos laços mãe-filhas. Os grupos domésticos (as casas) constituem unidades de produção e consumo auto-suficientes e polivalentes do ponto de vista técnico, "capazes de ação independente", como diz Matta (1976:75).

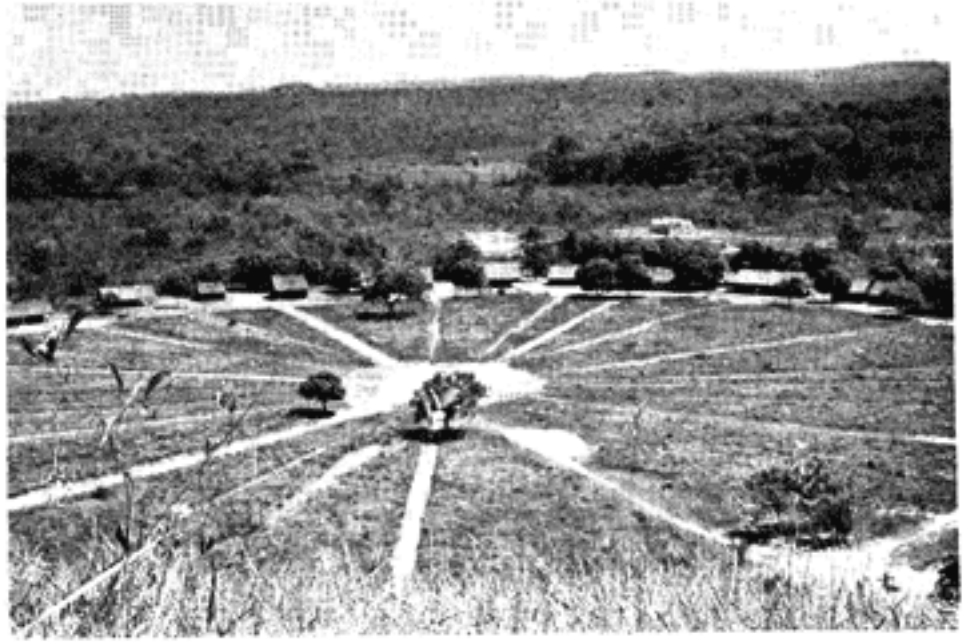
Nas sociedades indígenas e em particular nas sociedades Timbira, os indivíduos ocupam uma mesma posição no processo produtivo: ao nível da produção todos podem ser *os mesmos*, todos são equivalentes e *substituíveis* uns pelos outros. O que equivale dizer que, nestas sociedades, as relações sociais não se estabelecem entre grupos que desempenham papéis diferentes no processo produtivo — como no capitalismo. Entre os Timbira, os grupos se diferenciam a partir do parentesco e da nominação (recebimento dos nomes próprios de cada indivíduo que o *situam* perante o resto da sociedade).

As casas, enquanto unidades produtivas, são unidades iguais (equivalentes e substituíveis umas pelas outras). A forma da aldeia assinala esta igual distância das casas, esta igualdade nas relações de produção. Assinala ainda a única distinção que pode ser dada ao nível da produção; aquela entre os sexos: o centro (lugar do homem) e a periferia (lugar da mulher).

Inscrever as relações sociais num espaço é tornar legível este mesmo espaço, é dar-lhe sentido. E a "legibilidade" de uma aldeia Timbira é tal, que ela é a expressão ou tradução das áreas mais significativas da sociedade (pátio e periferia) e nela figuram os *caminhos possíveis* (*krĩcapé* e *càà ma pry*) do estabelecimento de toda e qualquer relação social. A maneira como os Timbira se deslocam, recortando diferencialmente o espaço circular (igualitário) da aldeia, é um dos elementos que nos permite apreender as linhas demarcatórias que orientam o conjunto das relações sociais[7].

Ao observar os deslocamentos entre as casas, vi que, por vezes, o indivíduo percorria o caminho que liga sua casa ao pátio (*càà ma pry*) e, atravessando o centro da aldeia, percorria o *càà ma pry* da casa desejada. Assim procedendo, ele fazia o trajeto equivalente ao diâmetro da aldeia. Se ele tomasse o caminho circular, o *krĩcapé*, as casas estariam em distâncias diferentes mas, deslocando-se deste modo (vide figura 13), as casas ficam distando igualmente dois raios da sua (o *càà ma pry* equivale a 1 raio da circunferência da aldeia). Mas, por vezes, o mesmo indivíduo percorria o *krĩcapé* para deslocar-se de uma casa a outra, ou seja: não atravessava o pátio, condição para que as distâncias se tornassem as mesmas.

(7) Mary Douglas, ao descrever a superfície de uma organização social, considera que "os indivíduos pensam seu meio social como um conjunto de pessoas reunidas ou separadas, segundo linhas de demarcação que se faz necessário respeitar" (1976:94).



12. Aldeia Krahô da Pedra Branca, 1976 (foto Gilberto Azanha).

Os Timbira têm, assim, duas maneiras de se movimentarem no espaço circular da aldeia e que expressam os dois modos de se relacionarem com os *outros*: as relações sociais estabelecidas com os "afins", ou no dizer dos Timbira, com seus não-parentes (através do pátio) e as estabelecidas com os "consangüíneos" ou, no mesmo dizer, com aqueles que são seus parentes (pelo *krĩcapé*).

As pessoas atravessam o pátio para irem de uma casa a outra, quando suas casas estão *ligadas* pelo pátio. Esta passagem pelo pátio indica que a relação estabelecida entre estas casas é mediada por ele: são relações que devem ser públicas (alianças matrimoniais, amizade formal, nominação). Neste sentido, as casas onde residem os afins de um indivíduo estão numa mesma distância para ele, *podem ser as mesmas*. Perguntávamos com freqüência aos Ramkokamekra e aos Apâniekra onde se devia "buscar marido". E a resposta era sempre a mesma: *do outro lado da aldeia*, afirmação acompanhada do gesto que apontava o lado oposto da aldeia. Mas esta afirmação não era comprovada por meus dados de campo, que não me indicavam que os casamentos eram estabelecidos entre casas diametralmente opostas umas às outras. Mas esta afirmação era categórica porque *todas as casas* onde se pode buscar marido estão, pelo trajeto que deve ser percorrido (equivalente ao diâmetro da aldeia), numa mesma distância, estão *todas do outro lado da aldeia*[8].

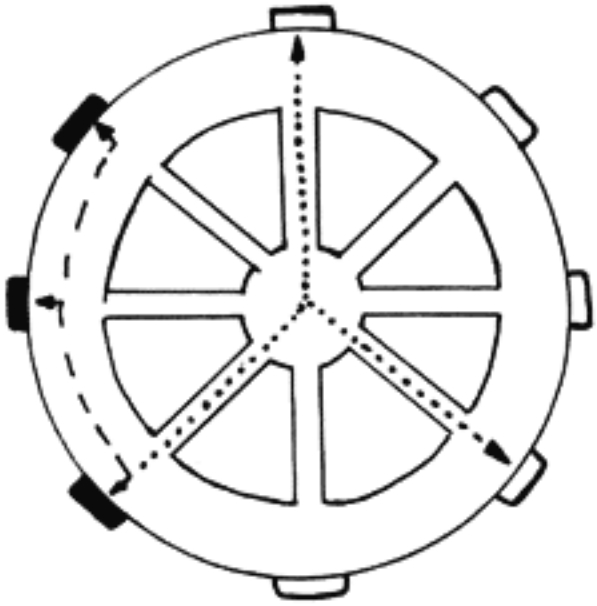
As pessoas não atravessam o pátio para se deslocarem entre as casas ligadas à sua por uma linha de parentes femininos. A este grupo de casas de mães e irmãs, os antropólogos se referem, acredito que por falta de um termo melhor, como *seg-*

(8) Foi esta "ilusão" que talvez tenha levado Nimuendajú a afirmar a existência de "metades exogâmicas" entre os Timbira.

*mento residencial*. A subdivisão do grupo doméstico formando novas casas é a responsável por sua formação. Uma família levantará sua própria casa quando tiver condições de se tornar, pelo casamento de suas filhas, uma unidade produtiva independente e auto-suficiente (quando um genro vira sogro).

A proximidade física, espacial, das pessoas que residem numa mesma casa, é proporcional à unidade que formam no processo produtivo, sendo também um indicador desta unidade. No interior da casa, cada família elementar possui um espaço próprio para dormir e comer. E é por esta separação apresentar-se no próprio interior da casa que ela contém, em si, a possibilidade de desmembrar-se, formando o segmento residencial. O espaço interior de uma casa é assim repartido entre as famílias elementares que, sintomaticamente, durante as refeições, comem separadamente, em grupos distantes uns dos outros, a comida preparada conjuntamente pelas mulheres e distribuída pela mais velha. Essa distância é assim o esboço e a possibilidade de uma outra que se aprofunda, à medida em que parte da casa para os limites do segmento residencial.

As unidades formadas pelos segmentos residenciais não são expressas concretamente. Não temos nenhuma marca concreta, nenhum limite demarcatório — como o são as paredes das casas — que indique esta unidade. Entretanto, os limites dos segmentos residenciais são reconhecidos por todos os seus membros. Uma mulher sabe traçar os limites do seu segmento residencial com segurança, diz: "minha 'rua' começa na casa de fulana e vai até a casa de sicrana". A referência ao segmento residencial é dada pelo termo em português 'rua'. A aplicação deste termo talvez tenha um significado preciso no contexto onde é empregado, pois 'rua' para o sertanejo do interior maranhense e goiano quer dizer "o lugar público onde se pode circular livremente". Quando um morador isolado do cerrado diz: "eu vou para a rua", está querendo dizer que vai para a cidade. Assim, quando as mulheres se referem ao seu segmento residencial como sendo sua "rua", parecem querer dizer



13. Esquema de circulação.

que aí elas podem circular livremente, marcando deste modo uma área semi-pública ao nível da periferia.

As casas que formam um segmento residencial estão em distâncias diferentes umas das outras. Esta distância diferente, longe de ser anulada pelo trajeto através do pátio, é assinalada pelo uso do *krĩcapé* (o caminho circular que passa em frente as casas). Uma pessoa, em seu segmento, terá que andar muito mais para se dirigir à 3.ª ou 4.ª casa depois da sua, do que para a casa vizinha. Esta distância entre as casas é indicadora de uma outra. As obrigações que cada casa tem para com todo seu segmento residencial serão cumpridas na proporção desta distância espacial: quanto mais próximas as casas mais o mecanismo da distribuição (de uma caça, por exemplo) é operante, quanto mais distante menos se faz sentir.

Esta gradação do segmento residencial pode ser percebida em como os indivíduos se deslocam dentro dele. Geralmente, o fundo das casas, os "quintais", são como que um afunilamento das casas de um grupo de irmãs reais ou de mães e filhas. Em segmentos residenciais muito grandes (encontramos alguns com 9 a 10 casas na aldeia Ramkokamekra) as casas mais próximas são as formadas por irmãs reais (filhas de uma mesma mãe), em duas gerações, que constituem subgrupos dentro do segmento. Estas mulheres irão de uma casa a outra pelos fundos. Este quintal, que não chega a ser o mesmo, pois cada casa reconhece um espaço nele como próprio, é um livre trânsito, uma passagem sempre aberta entre estas casas. Entretanto, conforme as casas se distanciem no segmento residencial, as mulheres passam a se utilizar do *krĩcapé*, como se, assim procedendo, reconhecessem publicamente a separação entre suas casas, a distância de seu parentesco (são os "classificatórios"). A esta distância no tempo (entre as gerações) corresponde, assim, uma distância no espaço: os parentes mais distantes genealogicamente dentro do segmento residencial são aqueles que residem nas casas mais afastadas.

Os segmentos residenciais possuem uma posição definida na periferia da aldeia[9]. Quando uma aldeia se transfere de um lugar para outro, as casas se distribuem na mesma posição em que estavam no antigo local. Isto assegura a manutenção da mesma ordem nas relações sociais. Na periferia são as mulheres as grandes responsáveis pela tomada de decisões e é nítido o peso político do segmento residencial na vida social da aldeia. Estes grupos de irmãs (que se visitam por detrás das casas, que sentam juntas no pátio, que se banham ou vão para a roça juntas) têm, perante o resto da sociedade, as mesmas obrigações, *são as mesmas*: todas chamam de irmãos ou maridos aos mesmos homens. Quanto mais casas e mulheres tiver um segmento residencial, mais força terá, pois são as alianças estabelecidas entre os vários segmentos que garantem a estabilidade política da aldeia.

(9) "... seria possível dizer que uma parentela (ou, acrescento eu, um segmento residencial), poderia ter várias *ikré* (casas) mas apenas ... *um lugar a ocupar na aldeia*" (grifo meu, Matta, *op. cit.*, p. 75).

14. Mulheres Krahô (aldeia do Galheiro) de um segmento residencial, sentadas no seu lugar no pátio, 1981 (foto Gilberto Azanha).

15. Mulheres Apãnjêkra assistem, do seu lugar no pátio, à realização do *Tepjarkwa* (Festa do Peixe), 1977 (foto Gilberto Azanha).

"No domínio do pátio os homens não representam seu grupo doméstico. O pátio é o lugar da manifestação de grupos específicos: as metades cerimoniais e as classes de idade. Os primeiros são responsáveis pela condução da vida ritual e os segundos pela vida política, em sentido amplo. Dentro desse sistema é difícil um homem impor seus interesses privados, isto é, os interesses do seu grupo doméstico, pois aí as categorias de parentesco, que poderiam ser manipuladas para tal fim, não vigoram. O pátio chama para si toda a diversidade geradora de conflitos, reduzindo-os a uma ordem que ultrapassa os interesses meramente individuais. A própria forma das aldeias Timbira espelha isto: tudo conflui para o pátio e aí deve ser resolvido... O pátio permite a conexão de domínios quase autônomos e separados (os segmentos residenciais). É também o lugar público onde tudo é visto e onde os indivíduos *formalizam* suas relações com os outros. A cautela que têm os Timbira em não permitir que conflitos originados na periferia, no interior dos grupos domésticos, cheguem até o pátio, resume todo o esforço propriamente político destas sociedades. Se porventura chegarem até o pátio, toda a sociedade se verá envolvida, os homens terão que tomar partido, defender um interesse doméstico. Os Canela dizem que os fuxicos devem morrer onde nascem, na periferia" (Azanha, 1977:24). As cisões de aldeia, processo freqüente entre os Timbira, podem ocorrer quando os conflitos surgidos na periferia da aldeia extravazam seus limites e impregnam o pátio.

**16. Aldeia Apãnjêkra, 1977 (foto Gilberto Azanha).**

17. Homens Apãnjêkra no seu lugar no pátio (reunião do "conselho"), 1977 (foto Gilberto Azanha).

Não tenho informações e nem conheço nenhuma aldeia Timbira cujo diâmetro fosse inferior a 150 metros aproximadamente. Aldeias muito populosas terão obrigatoriamente diâmetros maiores, mas a circunferência formada pelas casas não é necessariamente proporcional a seu número. Aldeias com poucas casas podem, portanto, ter um círculo (e um diâmetro) equivalente ou mesmo superior a aldeias com um número maior de casas (cf. Melatti, 1975:23).

Os nossos dados de campo nos indicam que o número de segmentos residenciais não apresentam uma variação significativa em relação ao número da população. Parece que uma aldeia Timbira precisa, para seu funcionamento, quer tenha 200 ou 800 habitantes, de um mesmo número de segmentos residenciais (entre 9 a 12). O que acontece é que, nas aldeias mais populosas, os segmentos residenciais são compostos de um número maior de casas, enquanto nas aldeias pequenas eles se reduzem, por vezes, a duas ou três casas, quase coincidindo com o grupo doméstico. Isto nos leva a pensar que estruturalmente as aldeias Timbira são capazes de suportar uma grande densidade populacional. Há referências de algumas aldeias Timbira com uma população aproximada de 3.000 índios no começo do século passado e final do século XVIII, quando do contato com as frentes de penetração da sociedade nacional. Atualmente a aldeia mais populosa é a dos Ramkokamekra, com cerca de 900 habitantes e 70 casas, aproximadamente.

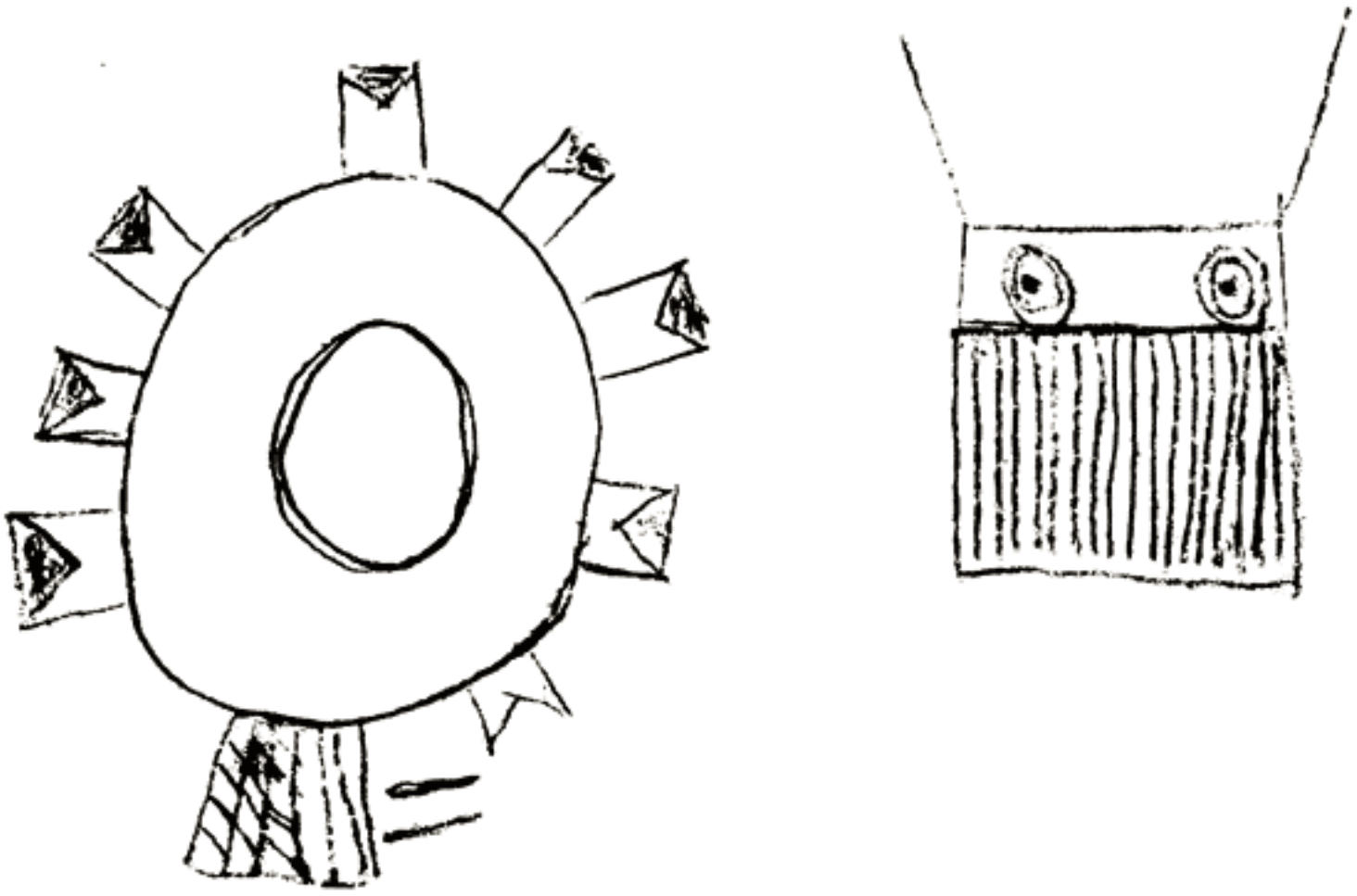
Pensar que o círculo da aldeia remete a um espaço fechado urbanisticamente, cujo padrão apresentaria dificuldades no acréscimo ou decréscimo de população, é ter como referência o nosso padrão urbano, cujas possibilidades de crescimento populacional são consideradas infinitas (é só colocar no final da rua mais uma casa) (cf. Matta, 1976:67). A expansão das aldeias Timbira não é dada de forma linear. Em 1978, quando estive pela última vez entre os Ramkokamekra, o círculo periférico da aldeia já não suportava mais a construção de novas casas, o que significava que estavam tendo um incremento populacional acelerado. As novas famílias estavam construindo suas casas atrás das casas das quais se haviam desmembrado, ou seja, geralmente as filhas morando atrás das mães. Ao visitar, acompanhada por 'minha irmã', as casas mais distantes do 'meu' segmento residencial onde moravam 'minhas' irmãs e mães classificatórias, fomos pelo caminho tradicional do *krĩcapé* mas, ao voltarmos, minha irmã falou: "agora nós vamos andar na 'rua' de trás". Pareceu-me confusa "essa outra rua", porque as casas estavam muito distantes umas das outras, nesse novo círculo. Mas não creio que as aldeias Timbira tenham tido no passado vários círculos concêntricos de casas. Parece mais correto pensar que em momentos ou situações de grande acréscimo populacional e de estabilidade política, ao invés da ocorrência de cisões, as aldeias podem ampliar o círculo (aumentando o diâmetro da aldeia), abrindo-o para trás. Nesta situação, e imaginando a aldeia vista de um avião, não a veríamos como um conjunto concêntrico de círculos de casas em torno de um pátio, mas sim um círculo de traçado irregular, com casas mais distantes ou mais próximas do pátio. Com o passar do tempo, as casas do antigo círculo tenderiam a desaparecer, restando somente o novo círculo periférico com um perímetro maior, já que as novas gerações teriam construído suas casas no círculo de trás e as da frente desapareceriam. Essa é, sem cisão, a forma Timbira de *expansão*: a aldeia reproduzindo-se como tal, idêntica na sua *forma*.

Pela própria dinâmica da estrutura social Timbira, suas aldeias não poderiam ter vários círculos concêntricos de casas, já que as filhas constroem suas casas *ao lado* da casa da sua mãe, e não *atrás*, como os Bororo. Nas aldeias Bororo, mesmo com poucos habitantes, as casas formam dois (ou mais) círculos concêntricos, o que aponta uma hierarquia ou diferença entre as gerações: a cada círculo corresponde uma geração. As aldeias Timbira eliminam a marca do tempo, as diferentes gerações de mulheres não manifestam nenhuma hierarquia espacial e o seu "concentrismo" é marcado somente pelo círculo periférico das casas e pelo círculo central do pátio, e que revela a oposição *fundamental* da estrutura social Timbira; aquela entre os homens (pátio) e as mulheres (periferia) e a complementaridade essencial entre ambos, a *aldeia*.

O concentrismo das aldeias Timbira, além disso, serve de base para a ordenação do universo. Todos os seres e coisas que povoam o mundo estão situados *neste espaço* da aldeia: homens, mulheres, animais, plantas, seres mitológicos, etc... são classificados ou como "filhos do pátio" (*càa-mã-akra*), ou como "filhos do fundo das casas" (*atyc-mã-akra*), sendo estes os nomes das metades cerimoniais às quais todos os Timbira se vinculam através da nominação. "Estas metades remetem ime-

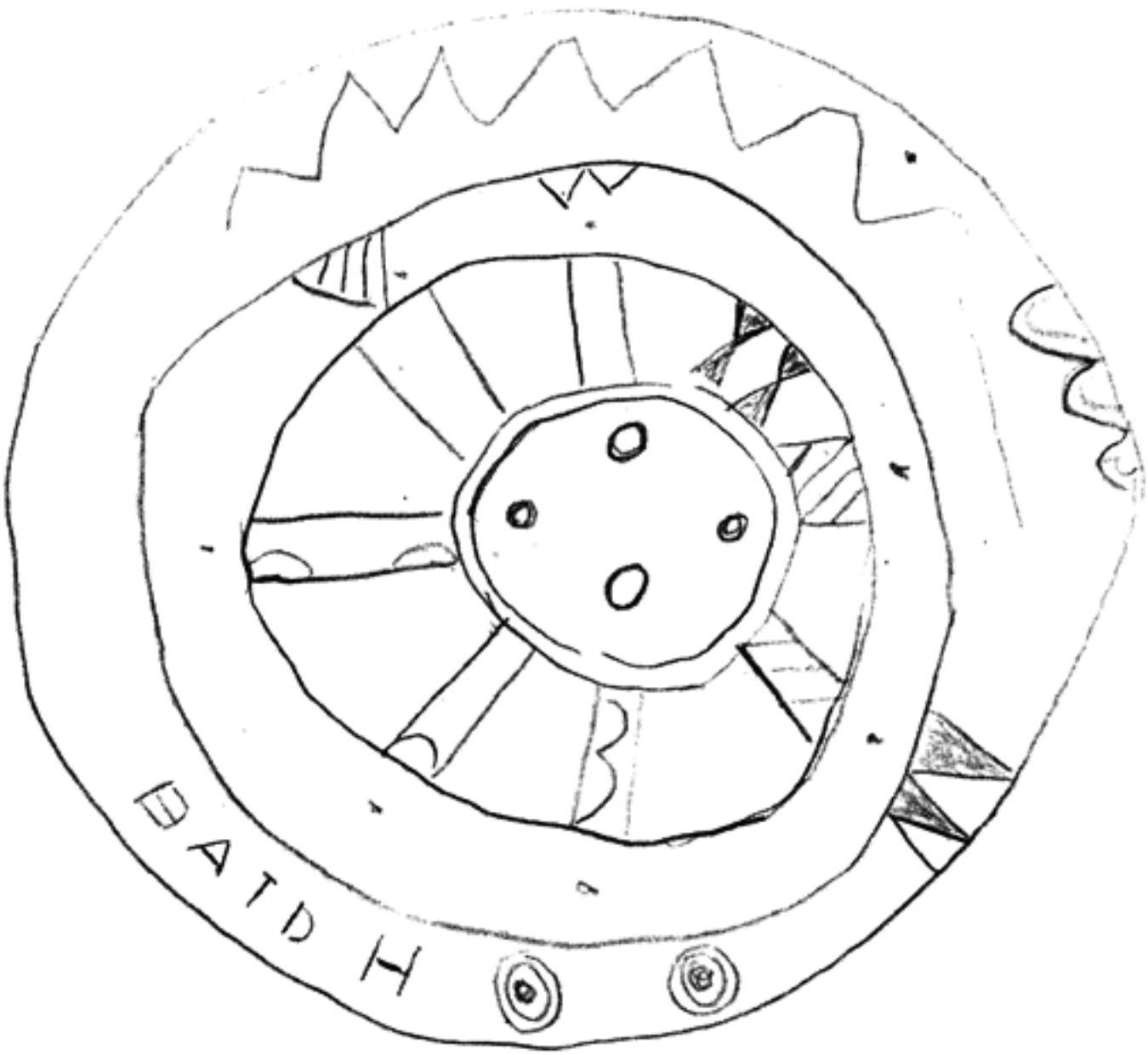
diatamente ao universo Apinayé (Timbira) e servem como paradigmas para uma série de oposições cosmológicas. Estas oposições podem ser estendidas ou contraídas. Assim, é possível começar com quaisquer pares e, por extensão, chegar aos outros" (Matta, id., p. 103).

| Càa-mã-akra | Atyc-mã-akra |
|---|---|
| sol | lua |
| dia | noite |
| fogo | água |
| nascente | poente |
| vermelho | preto |
| "verão" (seca) | "inverno" (chuvas) |
| . | . |
| . | . |
| . | . |



18. Desenho de Augusto Rãrãc — velho Canela (mais de 60 anos) — Ramkokamekra, 1974, MA.

Deste modo, um homem *càà* (ou ainda *wacmêjê*) poderá viajar tranqüilo durante o "verão", pois este é o *seu tempo* (*ihpĩmràc*), enquanto um homem *atyc* (ou *catãmja*) ficará alegre quando o tempo estiver nublado; um homem *càà* fará sua borduna de "pau-roxo" ou de pau-brasil, enquanto um *atyc* o fará de "jatobá-de-vaqueiro". E esta classificação dos seres e coisas a partir do espaço da aldeia é o que possibilita o domínio Timbira do cosmos. É neste sentido que a aldeia é tida como o centro do universo, por ser a partir dela que ele é *significado*, isto é, *diferenciado*.



19. O cosmos segundo Augusto Rãrãc — Ramkokamekra, 1974, MA.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


AZANHA, G. — 1977 (relatório apresentado à FAPESP, mimeo.).

CARNEIRO DA CUNHA, M. — 1978, *Os Mortos e os Outros* (Hucitec, São Paulo).

DOUGLAS, M. — 1976, *Pureza e Perigo* (Perspectiva, São Paulo).

MATTA, R. da — 1976, *Um Mundo Dividido: a estrutura social dos índios Apinayé* (Vozes, Petrópolis).

MELATTI, J. C. — 1974, "Porque a aldeia Krahô é redonda". In: *Informativo FUNAI* n.ºs 11/12 (Brasília).

_____ — 1975, *Ritos de uma tribo Timbira* (mimeo.).

NIMUENDAJÚ, C. — 1930 (?), *Os Timbira Orientais* (manuscrito em português, Museu Nacional, Rio de Janeiro).

SEEGER, A. — 1980, *Os Índios e Nós* (Editora Campus Ltda., Rio).